



Cláudia Weigel e Márcia Nyland



Edmar Hermany e o
tocador de harpa Adalberto Lopes



O presidente do 25 de Julho
Eliceu Scherer e esposa Ursula



Ivo e Erica Müller

Com uma festa daquelas, o Centro Cultural 25 de Julho comemorou na Bierhaus o seu primeiro aniversário na noite de 25.

O presidente do Centro Eliceu Scherer com sua esposa Ursula e toda a sua diretoria sentiram-se muito orgulhosos de verem o grande sucesso que o jantar dançante al-

cançou com a presença de inúmeros associados e convidados que super-lotaram as dependências da Bierhaus.

A festa teve início com o excelente jantar preparado pela equipe de Waldemar Kurtz e pelo maltre Pedrinho Soares. Na sequência o presidente Eliceu Scherer saudou a todos e fez a apresen-

tação em primeira mão da Orquestra do Centro Cultural 25 de Julho que foi integrada por componentes da entidade e dirigida e montada pelos maestros Elemar Bencke e Irmo Panke, também em primeira mão, realizou-se a apresentação do Grupo Polka Mirim, de quembra um show de Harpas vinda

de Campo Bom, sendo que na ocasião, deu-se um sorteio de vários prêmios. Um dos associados do Centro realizou uma bonita apresentação em sua gaita ponto e para finalizar uma chave de ouro o Grupo de Danças Polka realizou suas evoluções

Para animar ainda mais a noite, o Musical Cassino mais uma vez assinou com

nota dez e levou vários casais a pista de danças.

Na relação das muitas presenças constatamos Lurdes e Nelson Stainhaus, Edeltraud e Arno Frantz, Diana e Mauro Konzen, Jenny e Armando Wink, Clori e Alceu Ferreira, Zilda e Ivo Kaempff, Dolores e Dione Schmitt, Carmen e Nestor Bünecker, Ela e Bruno Spen-

gler, Guisela e Ruben Dick, Sonja e Ilário Staub, Ligia e Lúcio Beuermann, Maria Joeci e Kurt Gillmeister, Maria Cristina e César Gabe, Aurélia e Andréia Wilges, Weimar e Lúcio Hansen, Lizete e Udo Schmitt, e vários outros nomes. Confira nas fotos a bonita festa em comemoração ao primeiro ano da entidade.

Riovale Jornal, 01/08/87.

CANTO DE PÁGINA

A roda da história

O calendário de parede que a Souza Cruz distribuiu este ano estampou, em sua primeira folha, a impressionante imagem de uma roda d'água, dizendo na legenda que se trata do "mais expressivo marco da nossa paisagem rural, desde a época em que não havia energia elétrica ou motores que movimentassem máquinas de moer grãos e outros produtos agrícolas". E não é sem razão que a réplica modesta de uma roda dessas foi implantada no parque da Gruta dos Índios, e não são poucas as pessoas preocupadas com a conservação dos últimos exemplares em funcionamento que ainda sobrevivem no interior do Município, um deles em Rincão do Sobrado (da família Mahl), outro em Formosa (dos Reckers) e mais uma dezena espalhada por alguns dos nossos distritos. Tais monumentos da nossa história, que correm sério risco de desaparecimento, escreve-

ram riquíssimas páginas de pioneirismo na trajetória dos ancestrais que, no século passado, desbravaram esta região e aqui construíram, de pedra em pedra, o que hoje em dia tanto nos orgulha: um município economicamente forte e um povo culturalmente fecundo.

Forçosamente, tais pensamentos me jogam para um evento de dez dias atrás, quando cinco centenas de pessoas superlotaram a Bierhaus e elevaram entusiasticamente a temperatura do sangue de origem comum que lhes corre nas veias. Dezenas de rostos raros na vida social da cidade misturaram seus largos sorrisos aos demais, mostrando que o culto às origens tem um vasto campo de prova em Santa Cruz do Sul, onde há um ano um pequeno punhado de pessoas cimentou as bases do Centro Cultural 25 de Julho, hoje já com quase 500 associados de raça e coração, dispostos a perpetuar uma história e uma cultura que no passado nos legou toda a base do nosso desenvolvimento, não só os moinhos d'água e outros meios de atividade econômica, mas também riquíssimas manifestações sócio-culturais, que atravessaram o tempo e continuam desafiando a história para sobreviver. E sobreviverão.

Para solidificar esta sobrevivência, movimentos como o do

* Guido Ernani Kuhn

Centro Cultural 25 de Julho são essenciais. Ali, em escassos 12 meses de tempo, encontraram refúgio o Grupo de Danças Folclóricas Polka, menina dos olhos do professor Nelson Bender, agora também já com seu departamento mirim, o conjunto musical e a orquestra, que também fez sua primeira apresentação na festa de 25 de julho do ano passado. Deve vir por aí um coral, e sem dúvida o entusiasmo e a criatividade das pessoas produzirão outras tantas novidades, todas voltadas para o resgate da cultura germânica, de tão fortes braços na vida de todos os santa-cruzenses, não só daqueles de sangue teuto, mas de todos os que se irmanam num só povo e numa só sociedade, cuja lenta miscigenação só fortalece os laços afetivos hoje já solidificados. E bom cultivar a própria história, é feliz quem o pode fazer.

*Jornalista, bacharel em Direito e chefe de gabinete do deputado Roberto Kunzel (PMDB)

Gazeta do Sul, 04/08/87.